

Não se compreende o mundo apenas a partir de explicações. A única forma de se saber exatamente o que é uma guerra, é estando nela. A única forma de se compreender o que é amizade, é tendo uma amizade. Isso acontece para quase todo conteúdo que a gente queira passar ou estudar. O que quero dizer não é que temos que começar a ir a guerras, ou viver tudo o que queiramos aprender. Mas de certa forma temos que recriar esses momentos. As religiões já sabiam disso há algum tempo. Como se poderia passar para as futuras gerações a história de pessach? Só a contando não seria possível. Por isso foi criado um chag, que comemoramos desde a infância. Ficamos uma semana sem comer farinha e sentimos uma pitada do que foi não ter tempo de fermentar o pão. No seder temos que ficar à vontade, então nos sentimos como se tivéssemos saído do Egito. É claro que esses rituais não repetem a saída do Egito, isso seria impossível. Mas esses rituais entram fortemente no nosso inconsciente e até influenciam o nosso caráter. No Dror nós também não conseguiremos exprimir toda a nossa visão de mundo só de uma forma. É preciso criar dinâmicas, tocar, cheirar, ouvir, gritar, enfim, vivenciar o que se aprende.

-Eduardo Tolmasquim, Merakez Chinuch Rio de Janeiro

É provável que nem estando em uma guerra ou tendo uma amizade, realmente saiba o que é. Isso porque a nossa percepção é incapaz de diferenciar as ilusões do real. Devido à toda nossa vivência, que exerce a gravidade nessa distorção autoral. A razão que justifica inovação é estarmos sempre reinventando, evoluindo, revolucionando, a nós mesmos e conseqüentemente à visão do mundo. Assim, a forma como o manifesta, deve também transformar-se. A inovação é necessária para que as ações possam ser sinceras. Assumindo essa perspectiva, inovar é uma forma simultânea de expressão e interação na relação educador-educando. E quando a situação é ampliada para os chanichim como kvutzá, é ainda mais importante buscar os caminhos distintos para estabelecer a relação. O permanente processo de busca que se dá no pensamento inovador é, em vários níveis, educador.

-Leonardo Litvin, Merakez Chinuch Mordim

Somos um movimento chalutziano e, assim como França disse, a liberdade para o questionamento e para a criação do novo é fundamental para sempre evoluirmos e sermos autênticos. Ampliando um pouco isso numa perspectiva mais prática, acredito que (provavelmente) nossa maior aliada nesse processo de criação e mudança é a exploração das artes. Seja numa peulá: fazendo um desenho sobre algo, num jogo: que (mesmo sem se saber) são usadas técnicas teatrais e que é necessário improvisar, até mesmo o simples ato de criar piadas... É importante que esse haja esse ambiente "droriano", porque ele talvez seja uma das raízes do espírito de mudança ideológica, do questionamento e da inovação da prática em nossa tnuá.

-Hugo Lispector, Merakez Chinuch Mordim

ideologia (enquanto contracultura que somos), oposta à ideologia dominante em nossa sociedade. Em nosso intento, devemos olhar para a realidade, mais do que para a teoria - e, assim fazendo, poderemos reformular a teoria que estava pressuposta em nossa prática, aperfeiçoá-la. Além disso, devemos estar livres para criar, ao invés de apenas reproduzir o velho. Começar pelo fim, ou pelo meio, ou pelo início. Ser canhoto por um dia. Pensar, por último, nos objetivos. Às vezes, o melhor método é o não-método. O que quero dizer é que: método é bom, mas inibe. Eis as condições da possível evolução de nossa maneira de educar.

-Eduardo Kives, Merakez Chinuch Artzi

## INOVAR A PRÁTICA

"O ser que se sabe inacabado entra num permanente processo de busca." (Paulo Freire).

Partindo desta concepção, vemos que é necessário que o educador esteja constantemente inovando os seus métodos e as suas bases, para que não se acomode a modelos antigos e inadequados. O educador deve estar sempre reavaliando e refazendo a sua prática educativa, tendo em vista que cada kvutzá está inserida em um contexto diferente e tem uma forma distinta de desenvolvimento que impossibilita uma acomodação e uma repetição mecânica por parte do educador no seu planejamento do trabalho. Além disso, o educador deve estar sempre estudando e buscando novas perspectivas da sua base ideológica e teórica, já que o mundo, a realidade do educando e o contexto no qual educamos está em constante mudança, não permitindo uma postura estagnada do educador.

Compreendemos que teoria não será identificada se não houver um caráter transformador, pois só assim estará cumprindo sua função de reflexão sobre a realidade concreta. Não queremos viver de acordo com a realidade que nos cerca, mas sim manter um diálogo e ter uma visão crítica perante a mesma.

-Torá Educativa

Quando refletimos sobre nossa prática, devemos ter em mente que em toda prática está pressuposta uma teoria: suposições, conceitos, um determinado modo de ver o mundo. "Deixar-se levar" é, portanto, reproduzir acriticamente o universo teórico em que estamos inseridos. Reproduzimos teoria, reproduzimos ideologia - queiramos ou não. A questão que se nos coloca é: como queremos moldar essa matéria-prima, a realidade? Aí entra nossa própria

E quantas vezes na Tnuá ouvimos a palavra 'não'? Essa palavra deveria ser uma das proibidas, tal como o 'desgaste'. O problema é que ao estarmos avessos ao risco, perdemos grandes oportunidades de crescimento e inovações. Existem diversas formas de se chegar em um ponto final, e às vezes batemos na tecla de que tem que ser de um jeito específico, exemplificando a palavra: "nããão, desse jeito vai dar errado!!" Temos que deixar de lado essa vontade de ter sempre "a sua mão" ou o "seu jeito", e sim a NOSSA maneira. Como pensadores e educadores, temos que incentivar ao máximo os outros gestos, maneiras, pensamentos, diferentes do que você faz, e aí sim teremos algo inovador em nosso cotidiano. Pois cada um tem uma percepção diferente do mundo em que vivemos.

-Daniel "França" Berger, Mazkir Artzi

Inovar não significa somente criar algo novo, mas ver as coisas de outra maneira. A criatividade tem um papel muito importante na inovação, pois ela é uma forma diferente de pensar. É comumente dito que crianças são criativas. Isso se deve ao fato de que elas ainda não estão viciadas nas visões de mundo que os adultos tem. Por isso damos um garfo para uma criança e ela rapidamente o transforma em um pente, uma catapulta ou qualquer coisa que sua imaginação permita. A medida que vamos crescendo, cada vez nos acostumamos mais ao mundo a nossa volta e, se não nos esforçarmos, perdemos nossa criatividade. A prática de tentar ver objetos de formas diferentes parece algo bobo, mas carrega um grande significado. Quando nos acostumamos a ver o redor de outra forma, acabamos por gerar um pensamento crítico em diversas escalas. Do mesmo jeito que um garfo não precisa ser utilizado do jeito que sempre foi, as nossas atividades não precisam ser do jeito que sempre foram, a escola não precisa ser do jeito que sempre foi, a sociedade não precisa ser do jeito que sempre foi, nossa vida não precisa ser do jeito que sempre foi. No Dror queremos incentivar esse pensamento, ver o mundo de outra forma, queremos que ele não seja do jeito que sempre foi.

-Eduardo Tolmasquim, Merakez Chinuch Rio de Janeiro